

O sítio e o evento que deram origem à Psicanálise

The site and event which gave rise to Psychoanalysis

Wanderley Magno Carvalho, Oswaldo França Neto

Resumo

Apresentam-se os conceitos de sítio eventual e de evento, do filósofo Alain Badiou. Desenvolve-se a hipótese de que a cidade de Viena, no final do século XIX, foi o sítio fundador do evento que resultou na criação da psicanálise: a postulação do inconsciente. Destaca-se a posição de Freud como sujeito fiel à verdade de sua descoberta. A partir dos conceitos de "singular" e de "procedimento genérico", de A. Badiou, alude-se à questão da verdade na psicanálise. Finaliza-se com uma hipótese sobre o processo clínico psicanalítico, a partir de J. Lacan e do filósofo estudado.

Palavras-chave

Sítio, evento, psicanálise.

Abstract

The concepts of eventual site and event by the philosopher Alain Badiou are presented. It is hypothesized that the city of Vienna at the end of the nineteenth century was the founding site of the event that resulted in the creation of psychoanalysis: the postulation of the unconscious. Freud's position as a faithful subject to the truth of his discovery stands out. From the concepts of "singular" and "generic procedure", by A. Badiou, the question of truth in psychoanalysis is alluded to. It ends with a hypothesis on the psychoanalytic clinical process, starting from J. Lacan and the studied philosopher.

Keywords

Site, event, psychoanalysis.

Wanderley Magno Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais

Pós-doutorando em Psicologia (Estudos psicanalíticos) (UFMG). Doutor em Psicologia pela UFMG (Estudos Psicanalíticos). Psicólogo (IFES FUNREI - atual UFSJ); especialista em Filosofia contemporânea (IFES FUNREI).
wd.carvalho@uol.com.br

Oswaldo França Neto

Universidade Federal de Minas Gerais

Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, doutor em Psicanálise pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
oswaldofranca@yahoo.com

O sítio e o evento que deram origem à Psicanálise

Neste artigo desenvolveremos o argumento de que a cidade de Viena, no final do século XIX, foi o sítio fundador¹ do evento² que resultou na psicanálise: a postulação do inconsciente. Para isto apresentaremos os conceitos de sítio eventual e de evento, do filósofo Alain Badiou, bem como o seu conceito de “singular”. Em seguida faremos breves observações sobre as ciências e sobre o que há de comum e de necessário para que emergjam, destacando a posição de Freud como sujeito fiel à verdade da psicanálise enquanto ciência. Apresentaremos o conceito de “procedimento genérico”, de Badiou, e aludiremos à questão da verdade na psicanálise. Finalizando, apresentaremos uma hipótese sobre o processo clínico psicanalítico, a partir de Lacan e do filósofo estudado.

O sítio eventual

Consideremos brevemente e a título de ilustração do conceito que desejamos apresentar, a Viena do final do século XIX.

Segundo Peter Gay (1989), na segunda metade daquele século, a Áustria era um império multinacional aonde pululavam conflitos étnicos e mínima representatividade política. Numa tentativa de conciliar interesses muito diversos, o país promulgara oito Constituições diferentes em apenas vinte anos. Viena foi o epicentro europeu de mudanças políticas e culturais. O Congresso de Viena (1814-1815) redesenhou o mapa político da Europa. Quanto à própria cidade, entre 1860 e 1880 a população vienense saltou de quinhentos mil para setecentos mil habitantes. O imperador austro-húngaro Francisco José compôs um ministério burguês que trouxe a revolução industrial, a secularização da educação e do casamento e o liberalismo no comércio e nas comunicações. O progresso financeiro não impediu uma quebra do mercado em 09 de maio de 1873 e as elites tiveram de encontrar um bode expiatório para a situação: os escolhidos foram os judeus que de vários pontos da Europa haviam escolhido aquela cidade como destino predileto. O antisemitismo apareceu, então, em algumas manifestações e tumultos, mas ele era, ainda, não oficial, já que leis protetoras dos direitos dos judeus e emancipadoras de sua condição também foram promulgadas naquele período.

Culturalmente Viena foi um caldeirão de criatividade. Muitos judeus fizeram carreira de altos escalões na burocracia e no Exército e outros tantos se tornaram diretores e editores de jornais, donos de galerias de arte, empresários do teatro e da música, poetas, pintores, cientistas, filósofos (GAY, 1989, p. 36). A sociedade vienense, burguesa por excelência, usava das artes como um instrumento de aparências para demonstrar status e poder: “Para provar ser alguém, era preciso dedicar-se às artes com o mesmo afinco com o qual se dedicava aos negócios” (WINOGRAD; KLAUTAU, 2014). Que os patrocinadores estivessem imbuídos desse espírito, isto pouco importava aos artistas. Também para os historiadores e críticos de arte importa que aquele contexto produziu a genialidade dos trabalhos de Arthur Schnitzler na literatura, Walter Gropius, precursor do movimento Bauhaus na arquitetura, Gustav Klimt e Egon Schiele nas artes plásticas, Gustav Mahler e Arnold Schönberg na música, dentre outros. Autores de obras que, afirma-se, influenciaram toda a “alta cultura” do século XX.

Quanto às ideias e às ciências, a capital recebia inevitavelmente o aporte das filosofias alemã e inglesa. O naturalismo de Schelling (de inspiração goethiana), as ideias de Fichte e o idealismo pós-kantiano, que colocou em relevo as ciências experimentais, eram correntes no meio acadêmico vienense (ROCHA, 2004). O empirismo inglês se fazia

1

O sítio eventual é o sítio fundador de um evento, como esclarece Badiou no início da Meditação dezesseis de “O ser e o evento” (1996). Como nada do que o compõe é apresentado na situação em que ele se apresenta, não é possível pensar um aquém de seu ser-apresentado. Desse modo, o sítio é fundador porque, numa situação, ele é absolutamente primeiro. A expressão “sítio eventual” (site événementiel, em francês), é uma opção e uma invenção de linguagem da tradutora brasileira, a partir do livro original do filósofo.

2

Ao longo do texto alternaremos o uso do termo “evento” com o de “acontecimento” em consideração às diversas traduções do original francês “événement”. A edição brasileira da Jorge Zahar e UFRJ (1996) preferiu “evento” desde o título de “L’être et l’événement” e em toda a obra, enquanto a tradução argentina de “Logiques des mondes” (2006) preferiu “acontecimiento” (“Lógicas de los mundos: El ser y el acontecimiento”, 2008). Usaremos com mais frequência “evento” por entendermos que em nossa cultura, a palavra “acontecimento” é facilmente assimilável a “fato”, mais do que a “événement” propriamente. E um fato não é um evento pois nele não há o surgimento de uma verdade inédita.

representar pelos trabalhos de J. Stuart Mill e de Hughlings Jackson. Franz Brentano, divulgador da psicologia experimental alemã, lecionou na Universidade de Viena. Todo o espírito da época era positivista e cientificista. A filosofia só não se apequenou diante de tal ideologia porque iniciou, naquela mesma época, seus passos anti-metafísicos, com as obras de L. Feuerbach, o vigor polêmico de K. Marx e a obra seminal de S. Kierkegaard, de quem “O conceito de angústia” (1844) influenciaria decisivamente Martin Heidegger e todo o século XX. O liberalismo vienense deixava essas ideias e o anticlericalismo circularem livremente. Como o observa a respeito daquela época um acurado historiador das psicologias:

O sucesso das ciências positivas contribui para o descrédito da metafísica, como ao revelar o arbitrário dos esquemas dialéticos forjados pela filosofia pós-kantiana da natureza, ao mesmo tempo em que a reação marxista ao idealismo hegeliano solapa-o [sic] no terreno da realidade social e política (MUELLER, 1968, p. 341).

Percebemos, assim, que a capital austro-húngara era dinâmica, culturalmente efervescente, politicamente atribulada e criativa. Esta configuração que acabamos de fazer dos traços que a compunham naquele período, é o que propomos como sendo um exemplo do que Alain Badiou (1996) nomeou por “sítio eventual”. Aquele sítio teria fornecido as condições para o acontecimento ou evento (événement) que consideramos fundamental para o século XX: a postulação do inconsciente. Com o filósofo francês, aventamos a suposição de que, em maior ou menor intensidade, todo surgimento de uma nova ciência ou de uma grande novidade no mundo específico de uma ciência já estabelecida, implica ter havido um sítio que a precedeu e que a condicionou (num sentido a ser explicitado logo adiante).

Mas o que é um sítio eventual?

Chamarei de sítio eventual um múltiplo como esse totalmente a-normal [sic], isto é, tal que nenhum dos seus elementos é apresentado na situação. O próprio sítio é apresentado, mas, “abaixo” dele, nada do que o compõe o é, de modo que o sítio não é uma parte da situação” [...]. Direi também de um múltiplo como esse (o sítio eventual), que ele está na “borda do vazio”, ou, é fundador [grifo nosso]” (BADIOU, 1996, p. 144).

O sítio é apresentado, mas não representado. Esta é uma diferença que devemos esclarecer.

Diante do impasse lógico gerado ainda nos pré-socráticos quanto ao que se apresenta – impasse de dizer se o que se apresenta é múltiplo ou é essencialmente um (BADIOU, 1996, p. 29) - o autor decide assumir que o Um não é, e que o ser se apresenta como múltiplo. O ser não é o Um e não é qualquer número, uma vez que contar é um modo de representação, enquanto o ser é da ordem da apresentação. Se o ser é apresentado como múltiplo puro, não sendo, assim, nem um nem múltiplo, o nome “ser” é um vazio, ainda que se apresente como múltiplo: “A ontologia começa... pela pura proferição do arbitrário de um nome próprio. Esse nome, esse símbolo indexado ao vazio é... o nome próprio do ser” (BADIOU, 1996, p. 55).

Dizer que o ser se apresenta como múltiplo puro decorre de nossa impossibilidade de nos havermos com ele em sua real apresentação. Então, contamos os entes (por exemplo: esta sala, esta imagem que contemplo, esta sinfonia que ouço, esta cidade).

Um sítio eventual, portanto, é singular. Isto significa: ele é um termo apresentado, pertencente a uma situação, mas não representado, não incluído nela (BADIOU, 1996, p. 86); apresenta-se, mas não é incluído pelo

“estado da situação”. O estado da situação é “aquilo pelo que a estrutura de uma situação – de uma situação estruturada qualquer – é contada por um” (BADIOU, 1996, p. 83).

Um sítio é antinatural. Se a natureza simplesmente é, diz Badiou, o lugar do pensamento, pelo menos na forma como o concebe o filósofo e também a psicanálise, apresenta-se em exceção ao que seria a normalidade do natural. O sítio é também o instável (por sempre se subtrair à conta que o estado realiza), e é, principalmente, o histórico, ou melhor, o historicizável.

O conceito de sítio não é absoluto nem intrínseco, já que um múltiplo pode ser singular numa situação (pertencente mas não incluído nela) e normal em outra ou, seja, pertencente e incluído (BADIOU, 1996, p. 145).

Quanto a dizer que um sítio esteja na borda do vazio, vale observar que “vazio”, para o filósofo, seria o nome próprio do ser (BADIOU, 1996). “Na borda do vazio”, explica Badiou, significa que, sendo o sítio um composto de múltiplos não apresentados em uma situação, haverá um nada, um vazio “abaixo” dele, já que seus termos não são contados-por-um.

Mas o próprio sítio é contado por um, e como só ele é contado, no tocante à estrutura, ele é um termo indecomponível e fundador de uma situação. “Disto se segue que os sítios eventuais bloqueiam a regressão ao infinito das combinações de múltiplos. [...] É justo, portanto, dizer que os sítios fundam [grifo nosso] a situação, porque são nela, termos absolutamente primeiros” (BADIOU, 1996, p.145).

Um sítio eventual não é o próprio evento/acontecimento, mas é uma condição de ser do evento, o qual, este sim, qualificará o sítio impedindo que ele se perca numa contagem infinita que pudéssemos fazer de seus elementos e dos submúltiplos de cada elemento.

No nosso exemplo, os elementos da Viena do final do século XIX são um sítio: um múltiplo de manifestações artísticas, filosóficas e políticas, bastante contraditórias entre si e, portanto, não discerníveis pelo saber da época como algo passível de unificação, ou portador de coerência e estabilidade. Mas se nenhum dos elementos do sítio é apresentado na situação, como podemos afirmar que estes e aqueles são os elementos do sítio? É porque “agora” os contamos. Listadas as manifestações do sítio num tempo presente, tem-se a impressão de que elas *já estavam* lá como tais, contadas pelo estado da situação. Mas não estavam contadas e a ilusão de que estavam, se explica pela retroatividade que a nomeação do evento implica. No nosso exemplo, é pelo evento “postulação do inconsciente” que o sítio condicionou existir, que hoje fazemos retroativamente a nomeação de seus elementos. Eles poderiam ter ficado “lá”, como mera apresentação, passíveis até de serem esquecidos. Mas o evento nos permite pensar retrospectivamente os elementos de seu sítio e a valorizá-los como propiciadores do próprio evento.

Nada daquele caldeirão de manifestações e traços deixava prever a formulação do inconsciente, a fundação da psicanálise e das verdades que ela produziu. Porém, e considerando que um sítio é condição de um evento, não há como negar que o descrito como a Viena do final do século XIX “agiu” para a postulação do inconsciente. Cada fato político, cada mudança urbana e arquitetônica em Viena autorizada pelo imperador, cada manifestação antissemita, o texto de Goethe que tanto influenciou Freud dentre outros elementos, causaram nele o pensamento psicanalítico. Mas se ficássemos apenas na contagem dos elementos do sítio ou numa investigação de cada um deles, o perderíamos enquanto tal.

Aquele sítio foi gerador de mudanças avassaladoras também em outras áreas da cultura. A música erudita e até a música popular do século XX não foram as mesmas depois do dodecafonismo de Schönberg. Arthur Schnitzler influenciou o revolucionário James Joyce. Dos filósofos que participaram de

algum modo daquele mundo, S. Kierkegaard foi o que deu um passo decisivo em direção ao fundo do afeto mais intenso (e “que não engana”) - a angústia - influenciando Heidegger e a filosofia e os saberes psicanalítico, psicológico e psiquiátrico, dos anos de 1920 até hoje. A própria instabilidade política do Império austro-húngaro (oito cartas constituintes em vinte anos) produziu o Congresso de Viena e seus efeitos na Europa e no resto do mundo, além de indicar o grau de riscos e mudanças em que se colocou aquele povo quando para decidir seu presente e seus ideais de futuro.

Um sítio é, ainda, um múltiplo que está em exceção à normalidade infinita por se apresentar como um elemento que está na borda do vazio, sendo, dessa forma, marcado por uma finitude. O axioma da fundação (BADIOU, 2008, p. 408), ideia introduzida por Zermelo no início do século XX, afirma que relativamente a um múltiplo inicial, existe sempre um múltiplo apresentado que está na borda do vazio, ou seja, que pertence a ele situando-se em sua borda e estabelecendo uma alteridade (BADIOU, 1996, p. 152).

A partir de “Lógicas dos mundos” (2008), A. Badiou trabalha com as intensidades do sítio eventual, as quais variam conforme o seu grau de existência. Naquela obra ele desenvolve uma ontologia (com ênfase na lógica), na qual afirma que um elemento de um mundo qualquer pode passar da condição de inexistente a existente com consequências mínimas ou máximas, conforme sua intensidade. Transitamos, com o filósofo, do ser ao ser-aí³, ou do ser ao aparecer. E aparecer com tal força (no caso do evento/acontecimento) que a consequência é um abalo na lógica até então estabelecida em um mundo, e um rearranjo dessa lógica e dos seus elementos.

“Um sítio é um múltiplo ao qual ocorre comportar-se no mundo com respeito a si mesmo, como com respeito a seus elementos, de tal modo que ele é o suporte de ser de sua própria aparição.”⁴ (BADIOU, 2008, p. 403). Ele se faz, no mundo, o ser-aí de seu ser e é, ainda segundo Badiou, um ente paradoxal que sintetiza o objetivante (suporte múltiplo e referencial de uma fenomenalidade) e o objetivado (pertencente ao fenômeno) pois “[...] é possível que o ser-múltiplo, comumente suporte dos objetos, suba “em pessoa”, à superfície da objetividade” (BADIOU, 2008, p. 400)⁵. Este subir à superfície pode se dar com maior ou menor intensidade. Estamos propondo que “Viena fim de século XIX” foi um sítio tão intenso que, provocando uma mudança real fez-se a condição de um evento.

Badiou afirma que é a regra das intensidades que prescreve o transcendental de um mundo. Lendo o que significa “transcendental” em sua filosofia compreenderemos esta afirmação como: o que acontece a um mundo ou situação, depende da intensidade dos seus elementos e do quão intensamente cada elemento afeta um outro/outros elemento/os do mesmo mundo. Pois, o “transcendental de um mundo designa a capacidade constitutiva de todo mundo, de atribuir ao que está aí, nesse mundo, intensidades variáveis de identidade com tudo o que está, igualmente, aí” (BADIOU, 2008, p. 649)⁶.

Uma intensidade e a duração de um elemento de uma situação pode ser avaliada pelas consequências desse elemento sobre outros elementos. Badiou escreve que sendo o sítio, uma figura do instante, e que aparece para desaparecer, sua duração só pode ser a de suas consequências, as quais são a interpretação lógica de uma relação entre graus transcendentais (BADIOU, 2008, p. 409-410) ou seja, a interpretação do quanto (e como) a intensidade de um existente mobiliza outros existentes de um mundo. As consequências é que nos informam se as mudanças em uma situação são meras modificações dela ou se são de máxima intensidade.

Ainda em “Lógicas dos mundos” (2008), o filósofo estabelece uma tipologia dos graus de mudança que podem ocorrer em um mundo.

3

Utilizamos os termos “ser-aí”, “autopertença”, e “vir-a-ser”, grafados deste modo, conforme usados também por Badiou em diversas obras suas, uma vez considerada a influência e o debate que o autor estabelece com os textos de M. Heidegger. Também os termos “a-normal”, “ultra-um” e “des-relação” são aqui usados, conforme extraídos da tradução brasileira de “O ser e o evento”.

4

Un sitio es un múltiplo al que le ocurre comportarse en el mundo con respecto a si mismo como con respecto a sus elementos, de tal suerte que es el soporte de ser de su propia aparición.

5

[...] es posible que el ser múltiplo, comúnmente soporte de los objetos, suba en persona a la superficie de la objetividad.

6

Trascendental (de un mundo) designa la capacidad constitutiva de todo mundo de atribuir a lo que está ahí, en ese mundo, intensidades variables de identidad con todo lo que está, igualmente, ahí.

Pensemos uma situação qualquer, um mundo qualquer. Ele começa com o que está “em posição de devir” (aquele que ainda *é*, que está por vir-a-ser). Se nesse mundo surge algo que não implique uma mudança real, temos apenas uma *modificação*. Se o que vem a ser efetiva uma mudança real, tem-se um *sítio* (Viena “foi” uma mudança real). A partir daqui “fatos”, “singularidades débeis” e “singularidades fortes” serão também chamadas de “sítios” de maior ou menor grau de existência (BADIOU, 2008, p. 413). Se esse *sítio* tem uma existência não máxima (algo que pode estender-se de um mínimo de intensidade a um quase o máximo de intensidade) tratar-se-á de um *fato*. Caso o *sítio* seja de máxima existência, teremos uma *singularidade*. Esta poderá ser *débil* (se suas consequências não forem fortes, ou “máximas”), ou será uma *singularidade* forte se suas consequências forem máximas. Uma *singularidade* forte, e apenas esta, é o que Badiou chama de “acontecimento” ou “evento” (“*événement*”).

Uma vez “acontecido” algo, o que resta é um saber que logo será apropriado de alguma forma pelo estado da situação nas enciclopédias. Uma enciclopédia é “uma classificação das partes da situação que são discernidas por uma propriedade explicitável da língua da situação” (BADIOU, 1996, p. 389). Uma enciclopédia não está do lado da verdade, já que esta requer o vazio do não-saber, mas sim do lado da veridicidade. “O discernível é verídico. Mas somente o indiscernível é verdadeiro” (BADIOU, 1996, p. 268). E quando esse saber normalizado e normatizado, já não der conta de outras verdades que não estarão representadas, mas que se apresentarão de modo indiscernível, um novo acontecimento singular estará em curso. “O evento [*événement*] surge quando a lógica do aparecer já não está apta a localizar o ser-múltiplo que possui” (BADIOU, 1999, p. 194).

Há que se apurar o corpo para descobrir o que há de novo. Pois é pelo corpo, este que confere a uma verdade o estatuto fenomênico de sua objetividade, que se torna possível pensar o aparecer. “Um corpo, com efeito, não é nada mais que aquilo que, ao suportar uma forma subjetiva, confere a uma verdade, em um mundo, o estatuto fenomênico de sua objetividade”⁷ (BADIOU, 2008, p. 53-54). Que o digam “as históricas” de Freud e os pacientes de todos os gêneros e modalidades clínicas que frequentam nossos consultórios e os de psiquiatras e psicoterapeutas.

Um evento só se dá quando a lógica que rege e explica um mundo já não comporta o excesso errante daquele mundo. Não comporta a errância do excesso quantitativo que há entre a situação e o estado da situação. Acontece nesse momento um descompasso, uma des-relação ameaçadora que o pensamento deseja pôr fim, seja através de uma orientação construtivista, transcendente, genérica ou - transversal a estas três - subjetiva e eventual.

Passemos então ao conceito de evento/acontecimento e vejamos se é correto dizer que a postulação do inconsciente foi algo assim.

O evento

Um evento é o que muda as bases de um mundo, situação ou universo. É o surgimento de algo inédito, de tal modo que nenhum significante das enciclopédias da situação coincide com ele, evento. As veridicidades daquele mundo (os saberes estabelecidos até ali) não traduzem a verdade nova que o evento traz.

O evento faz um furo no saber estabelecido, qualquer que seja a situação levada em conta. Pode ser o saber que envolvia a situação das ciências matemáticas no final do século XIX ou o saber que orientava a situação das artes antes que, como observa Badiou, em algum ponto do século XX elas tenham se tornado performáticas. Pode ser o saber da situação do Brasil Império de Dom Joao VI evadido de Portugal para

7

Un cuerpo, en efecto, no és nada más que aquello que, al soportar una forma subjetiva, confiere a una verdad, em um mundo, el estatuto fenomênico de su objetividade.

proteger-se dos franceses e ingleses ou, ainda, o saber cotidiano e monótono da situação de um homem comum antes que ele experimente, de súbito, um amor a dois (um “amor de dois” como o escreve o filósofo). Nenhum dos saberes envolvidos em tais situações são o evento. Todos esses saberes serão trespassados. O evento é o que trespassa fazendo surgir algo absolutamente novo e que mobilizará todos os elementos do sítio que o condicionou, obrigando-os a se reorganizarem também em suas próprias bases.

O sítio condiciona o evento, mas diferencia-se dele e sofre seus efeitos. Isto equivale a afirmar com Badiou que “um evento não é (não coincide com) um sítio eventual. Ele ‘mobiliza’ os elementos de seu sítio, mas a isso acrescenta a sua própria apresentação” (BADIOU, 1996, p. 150). Quando Freud começou a divulgar a psicanálise moveu não só o Acheronte, aludido por ele ao citar Virgílio na epígrafe de “A interpretação dos sonhos”, mas moveu também todos os elementos do sítio Viena no qual fez surgir sua ciência. Reações de desconfiança por parte de seu amigo e coautor dos “Estudos sobre a histeria”, reações de escárnio por parte da Academia médica, de crítica feroz pelos que o chamaram de pansexualista, mas também de algum alívio de sofrimento por parte de seus pacientes. Mais tarde, desdobrado o seu postulado do inconsciente na formalização teórica dada a ele (o corpus teórico-clínico a que chamamos de psicanálise), vieram os movimentos de reconhecimento por parte dos que o honraram com o prêmio Goethe na Europa e o título de doutor honoris causa nos EUA.

O acréscimo de apresentação que o evento traz é seu próprio significativo. Em “O ser e o evento”, Badiou usa como exemplo o sintagma “Revolução francesa” (BADIOU, 1996, p. 148); nós estamos utilizando aqui, “postulação do inconsciente”. O sintagma é o ultra-um, o único termo que diferencia o evento de seu sítio. O evento não é e não está na borda do vazio (como o sítio o está). O evento é um termo solitário, posto para diferenciar-se do seu sítio eventual e do vazio. Assim, esclarece Badiou na Meditação 4 da mesma obra, e considerando que o vazio é o nome próprio do ser, o evento é o que se diferencia do ser (sinônimo de multiplicidade pura ou inconsistente, sinônimo de inércia). Ele é o que rompe com a inércia do ser para tornar-se ser-aí, passando, deste modo, a existir com máxima intensidade, desvanecendo-se em seguida e deixando apenas sua pegada (ou rastro).

Um evento não é matematizável. Isto porque se um evento é um múltiplo composto dos elementos de seu sítio e de si mesmo, como o escreve Badiou na Meditação 17 de “O ser e o evento”, ele pertence a si mesmo. Em termos lógicos (lógica de Mirimanoff, segundo o filósofo) ele é um conjunto extraordinário. O problema é que os conjuntos extraordinários são excluídos de existirem quando se leva em conta o axioma da fundação de Zermelo, o qual estabelece, segundo Badiou, a interdição da autopertença. Consequentemente um evento é do domínio do que não é o ser-enquanto-ser. O evento, escreve Badiou (1999), é esse ponto em que o campo ontológico, matemático, se destotaliza e permanece no impasse. Seu surgimento contradiz o axioma da fundação e, portanto, ele é um múltiplo não fundado (BADIOU, 1999, p. 60).

Como em “Lógicas dos mundos” Badiou ocupa-se em explicar o processo pelo qual um inexistente passa a existir, o conceito de “evento” ou “acontecimento” passa a agregar as ideias de intensidade e de consequências. Assim:

Se chama evento a uma mudança real tal que a intensidade de existência fugazmente atribuída ao sítio é máxima, e que, entre as consequências desse sítio está o devir máximo da intensidade de existência do que era o inexistente próprio do sítio (BADIOU, 2008, p. 633)⁸.

8

Se llama acontecimiento a un cambio real tal que la intensidad de existencia fugazmente atribuída al sitio es máxima, y que, entre las consecuencias de ese sitio, esta el devenir máximo de la intensidad de existencia de lo que era el inexistente propio del sitio.

Que é um inexistente? É uma “reserva de ser” (Badiou), um elemento de um múltiplo (objeto) subjacente a ele e cujo valor de existência (quer dizer, cujo valor de aparecimento) é mínimo.

Um evento, singularidade de consequências máximas, faz surgir em um mundo qualquer, aquilo que não existia nele: “Nenhuma consequência transcendental mais forte que fazer aparecer em um mundo, aquilo que não existia nele” (BADIOU, 2008, p. 417)⁹. Vimos que “abaixo” de um sítio há um vazio, há termos que não são contados-por-um, ou seja, termos que para o estado da situação não existem. Retomando nosso exemplo, diremos que o elemento “subjacente” ao sítio Viena-final-do-século-XIX, elemento vazio, termo inexistente no próprio sítio e cujo valor mínimo de intensidade depois passou a ter máximas consequências de existência tornando-se assim um evento, foi a postulação do inconsciente.

Mas o que aconteceu? Como é possível fazer existir em um mundo, o que não existia nele?

É possível através do valor de carreamento do próprio sítio. “Diremos que esse sítio é uma “singularidade forte”, ou um “acontecimento”, se o valor de carreamento do valor (nulo) de seu inexistente próprio pelo valor máximo do sítio mesmo, é, ele mesmo, máximo” (BADIOU, 2008, p. 418)¹⁰.

Ou seja, há evento quando o sítio carrega com máxima intensidade o elemento nulo (ou elemento vazio) que nele, sítio, é (ou era, até então), um inexistente. Para entendermos melhor isto, basta lembrarmos de “O ser e o evento” que um sítio é um múltiplo, e que todo múltiplo contém submúltiplos que podem ser contados pela situação, ou não serem contados. Se eles não são contados, eles não existem para a metaestrutura, para o estado da situação. E por que não são contados? Por defesa. Porque atrás dessa inexistência pode estar justamente o vazio que ameaça a metaestrutura. Contudo, “não poderia o vazio ter por lugar os submúltiplos, as partes?”, pergunta o filósofo (BADIOU, 1996, p. 84). Retomando o teorema do ponto de excesso, ele responde:

[...] é preciso reconhecer que as “partes” [...] palavra simples cujo sentido exato [...] é submúltiplo – são exatamente o lugar onde o vazio pode receber a figura latente do ser, pois há sempre submúltiplos que, embora incluídos na situação a título de composições de multiplicidades, não são aí numeráveis como termos, e portanto não existem (BADIOU, 1996, p. 85).

O sítio Viena-fim-do-século-XIX fez surgir, com Freud, o conceito de inconsciente. Poderíamos também dizer que aquilo que Freud trouxe à luz, na esteira de Charcot, fazendo brilhar com toda a intensidade o que antes era condenado à inexistência, foi o feminino. Se, para Lacan, a verdade é a mulher, o que Freud fez, dando voz às histéricas, foi colocar em cena a verdade do feminino.

Toda vez que um elemento inexistente torna-se existente com o máximo de intensidade, um mundo muda suas bases: “Se o que não valia nada chega, sob a forma de uma consequência eventual, a valer tudo [...] o que parecia sustentar a coesão do mundo está ferido de nulidade, de tal sorte que [...] o mundo irá mudar de base”¹¹ (BADIOU, 2008, p. 420). A postulação do inconsciente obrigou o Ocidente a mudar sua compreensão acerca do humano.

Um evento, para Badiou, é um puro corte no devir de um objeto do mundo, suplementando o aparecer com a verdade indiscernível daquele universo. Ele não “passou” nem virá a acontecer; o evento sempre extrai de um tempo a possibilidade de outro tempo, o qual o filósofo nomeia como “novo presente”. Um corpo ativo e adequado a esse “novo presente” é um

9

Ninguna consecuencia trascendental más fuerte que hacer aparecer en un mundo aquello que no existia en él.

10

Diremos que ese sitio es una “singularidad fuerte”, o un “acontecimiento”, si el valor del acarreamiento del valor (nulo) de su inexistente propio por el valor (máximo) del sitio mismo es, el mismo, máximo.

11

[...] si lo que no valia nada llega, bajo la forma de una consecuencia acontecimental, a valer todo [...], lo que parecía sostener la cohesión del mundo está herido de nulidade, de tal suerte que [...] el mundo va a cambiar de base.

efeito (e não a causa) de um acontecimento. Um acontecimento é um princípio vinculante da verdade às multiplicidades que, apesar de trazer a promessa de uma universalidade, torna-a operacionável sem vinculá-la à concepção de uma transcendência unificadora. Um acontecimento separa outros acontecimentos, marcando-os, paradoxalmente, como portadores de uma existência ao mesmo tempo singular e universal (a verdade indiscernível se produz como efeito de maneiras múltiplas e multiformes). Lacaniano, Badiou afirma que um acontecimento, apesar de se apresentar como não tendo um mínimo sentido, carrearia, para o sujeito, a promessa de um sentido por vir; no seu aspecto de *nonsense*. Ele é um ponto real, e este, “ponto real como o viu Lacan, é propriamente esse insensato que por si mesmo, não mantém outra relação com a linguagem, que a de fazer nela um buraco”¹² (BADIOU, 2008, p. 429).

Para finalizarmos sobre o conceito de evento em Badiou, lembremos que na sua leitura da “Ética” de Spinoza (a quem confere o título de filósofo do necessário), ele nos apresenta seu conceito maior sob outro prisma. Após afirmar que para Spinoza um singular é finito, determinado, e que tem Deus como causa primeira ou imanente, Badiou (2015) propõe que, diferentemente disso, pode haver um descerramento (*dé-clôture*) da necessidade. Pode haver algo em exceção à imanência da cadeia de determinações finitas cujo princípio não seja a causa divina. Sendo a cadeia, *ela mesma* infinita, pode haver algo *dela* que se coloque *nos* finitos que a compõem; algo que se coloque no finito, em uma posição de exceção. É, de novo, o que ele chama de evento:

Eu proponho, antes, que pode existir uma imanência às determinações finitas que não são nem o horizonte nem o princípio comum da atividade causal divina. Eu seria, portanto, levado a dizer que pode e há uma interrupção, uma cesura, uma ruptura, um surgimento, do infinito no finito. Dito de outra maneira, o infinito pode estar em posição de exceção na cadeia, esta será a tese do descerramento da necessidade que eu proporia; isso não é uma impossibilidade como em Spinoza, porque se o infinito está na cadeia, a cadeia ela mesma será infinitizada, o infinito não podendo produzir senão o infinito. Que o infinito possa estar em posição de exceção na cadeia, isto é precisamente o que eu chamo de evento¹³ (BADIOU, 2015).

Uma exceção assim - um evento - é sustentada cegamente por um sujeito que, no meio dos fatos e situações dispostos em linhas (ou cadeias) historicizáveis que se entrecruzam, mantém-se fiel a uma verdade que ele conceberia como uma indiscernibilidade a ser elucidada. Um sujeito, escreve Badiou, é “[...] o próprio processo da ligação entre o evento e o procedimento de fidelidade” (BADIOU, 1996, p. 193), sendo “fidelidade” definida como “[...] o conjunto dos procedimentos pelos quais discernimos, numa situação, os múltiplos cuja existência depende do lançamento em circulação [...] de um múltiplo eventual” (BADIOU, 1996, p. 188).

O evento e o sítio: a psicanálise enquanto procedimento de verdade

Podemos considerar “Viena fim de século XIX” como o sintagma do sítio, no qual Freud ligou um evento (a postulação do inconsciente) a um procedimento de fidelidade (a criação da psicanálise) e de verdade (uma vez que, entendida também enquanto ciência, como o defendia Freud, a psicanálise está incluída nos chamados “procedimentos genéricos de verdade” propostos por Badiou¹⁴). No caso de Freud, os elementos do sítio (rei Francisco José, Universidade, manifestações antisemitas, a própria cidade Viena, sua viagem às aulas de Charcot, o sofrimento de suas pacientes, suas elucubrações sobre o aparelho psíquico, sua autoanálise),

12

[...] como lo vio Lacan, es propriamente ese insensato que, por si mismo, no mantiene otra relación con el lenguaje que la de hacer en él un agujero.

13

Je prônerais plutôt qu’il peut exister une immanence aux déterminations finies qui n’est ni l’horizon ni le principe commun de l’active causalité divine. Je serais donc amener à dire qu’il peut y avoir une interruption, une césure, une rupture, un surgissement, de l’infini dans le fini. Autrement dit, l’infini peut être en position d’exception dans la chaîne, ce sera la thèse de dé-clôture de la nécessité que je proposerais; ce n’est pas une impossibilité comme chez Spinoza, pour qui, si l’infini est dans la chaîne, la chaîne elle-même serait infinitisée, l’infini ne pouvant produire que de l’infini. Que l’infini puisse être en position d’exception dans la chaîne, c’est cela précisément que j’appelle un événement.

14

Os procedimentos genéricos, ou procedimentos de verdade, são na filosofia de Badiou, o artístico, o científico, o político e o amoroso.

foram os pontos finitos *de entre* os quais ele auscultou o infinito de uma verdade à qual deu o nome de inconsciente, e a respeito do qual militou por toda sua vida, inclusive para que a formalização de sua postulação, por ele mesmo empreendida (isto que chamamos de “psicanálise”), fosse reconhecida como ciência.

Ou seja, o evento “postulação do inconsciente”, foi depois fidelizado por Freud através de uma construção científica (teórica e clínica) a que ele mesmo deu o nome de psicanálise, e que só se mantém legítima enquanto ciência quando acontece, para cada um, em sua própria análise pessoal.

Ao estudar em 1969 o teorema da completude de Kurt Gödel (1906-1978) Badiou afirma: “Isto é, nenhum dispositivo formal escapa à necessidade de poder inscrever a sua própria finitude” (BADIOU, 1972, p. 121). É esta reflexão sobre os limites do pensamento matemático que ele mantém e reafirma trinta e sete anos depois, no contexto de sua segunda obra máxima (“Lógicas dos mundos”). Nela, ao escrever sobre a não existência de um conjunto de todos os conjuntos, Badiou mantém a mesma posição moderadora: “Dado que o pensamento formal dos entes se realizou, em matemática, como teoria dos conjuntos, estabelecer a inexistência de um ente total equivale a demonstrar, a partir da axiomática desta teoria, que não pode existir um conjunto de todos os conjuntos”¹⁵ (BADIOU, 2008, p. 177).

Assim também afirmaremos que não existe “O” conjunto *das* ciências, mas sim *conjuntos de ciências*. As ciências, cada uma delas, é um conjunto. Elas são múltiplos com seus diferentes submúltiplos. Elas se diferenciam de outras práticas e se diferenciam umas das outras no que se refere ao que visam, ao “lugar” de onde nascem, ao modo como se constituem e ao modo como se localizam.

O que haveria, então, de comum a todas as ciências? Em consonância com Badiou, podemos dizer que, com certeza, não se trata dos predicados que as definem uma a uma, mas de algo mais essencial que antecederia a esses predicados e classificações. Propomos que toda ciência (ou toda verdade nova de uma ciência já em curso), enquanto procedimento de verdade, começa de um sítio, começa da borda de um vazio. Mas ela, em si, não se confunde propriamente nem com o sítio nem com a borda. O sítio, que lá está, é condição desse evento ciência nova, ou condição do surgimento de uma inédita verdade em uma ciência já constituída.

Toda emergência de uma verdade depende de que fatos contingentes, porém potencialmente capazes de subverter o saber estabelecido, sejam sustentados com o estatuto de evento/acontecimento por meio de um sujeito fiel à verdade que ele, evento, virtualmente carreararia, forçando a existência de algo antes inexistente. É o sujeito quem sustenta, a partir da própria situação em que se encontra, o potencial subversivo da novidade que aquele inexistente carrega. Nos termos de Badiou, podemos dizer que o sujeito é o operador de fidelidade, o qual, por uma nomeação interpretativa, sustenta as consequências de uma verdade antes inaudível. Em nossa proposição, Freud é este sujeito fiel que fez proceder (no sentido de processar) as verdades da psicanálise.

Em consonância com a firmeza de Freud em defender que a psicanálise está no campo das ciências, podemos propor que ela é um procedimento de verdade científico, uma vez que tem como objetivo desdobrar as consequências de uma singularidade a ser sustentada, através de procedimentos (estratégias, táticas e política) que lhe são próprios.

Dizer que a psicanálise é uma ciência, como o fez o criador da psicanálise (FREUD, 1980 [1909], p. 112; FREUD, 2014 [1917], p. 419; FREUD, 2014 [1940[1938]], p. 51), e que as ciências são procedimentos de verdades, como o afirma Badiou, nos obriga a esclarecer melhor esse conceito, e a mencionar a questão da verdade na psicanálise.

15

Dado que el pensamiento formal de los entes se realizó, en matemática, como teoría de conjuntos, establecer la inexistencia de un ente total equivale a demostrar, a partir de la axiomática de esta teoría, que no puede existir un conjunto de todos los conjuntos.

Os procedimentos genéricos são tratados pelo filósofo, como as fontes da verdade (BADIOU, 1996, p. 392).

O que diferencia o procedimento científico dos outros procedimentos? Em uma das formas possíveis de se abordar essa questão, poderíamos dizer que nas ciências os procedimentos se desdobram como grandes mutações conceituais, na política como cesuras históricas, no amor como consequência de um encontro individual amoroso e, na arte, se processam como grandes mutações estéticas (BADIOU, 1996, p. 268-269).

Uma segunda diferença diz respeito às investigações. Uma investigação é, por definição, uma “sucessão finita de conexões, ou de não-conexões, observadas no quadro de um procedimento de fidelidade, entre termos da situação e o nome e_x do evento que a intervenção fez circular” (BADIOU, 1996, p. 394). Na política, as investigações são as atividades militantes organizadas; no amor, são os episódios existenciais que o par amoroso vincula expressamente ao próprio amor; na arte, as investigações são as obras; e nas ciências, elas são as invenções, não propriamente o saber (campo das veridicidades).

Poderíamos propor, então, que a invenção de Freud teria sido o dispositivo psicanalítico, usado como um instrumento de investigação sobre as verdades que haviam por trás dos sintomas de seus pacientes. Freud nunca deixou que a psicanálise desistisse da verdade, como se nota quando, em 1927, ele defende a prática científica contra o ataque de que esta também seria uma ilusão. Em “O futuro de uma ilusão”, ele destaca uma característica importante de todas as ciências e que coloca no centro, a questão da verdade:

As transformações da opinião científica são desenvolvimentos, progressos, e não revoluções. Uma lei que a princípio foi tida por universalmente válida, mostra ser um caso especial de uma uniformidade mais abrangente ou é limitada por outra lei, só descoberta mais tarde; uma aproximação grosseira à verdade é substituída por outra mais cuidadosamente adaptada, a qual, por sua vez, fica à espera de novos aperfeiçoamentos (FREUD, 1980 [1927], p. 70).

O caráter do ineditismo das verdades, também foi contemplado por ele em uma afirmação feita em entrevista ao jornalista americano George Sylvester Viereck, naquele mesmo ano. Provocado pela fala de que suas ideias tornavam a vida humana mais enigmática e contraditória, Freud apenas respondeu: “Pelo menos a psicanálise nunca fecha as portas para uma nova verdade” (VIERECK, 1995).

Finalmente recordemos sua afirmação, publicada já no antepenúltimo ano de sua vida, quando em “Análise terminável e interminável” ele escreve:

E, finalmente, não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade – isto é, no reconhecimento da realidade – e que isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano (FREUD, 1980 [1937], p. 282).

Também em Lacan, a verdade é tematizada. Na lição de 19 de janeiro de 1966, do Seminário “O objeto”, ele declara que sua meta é a de enunciar a função do objeto na posição da psicanálise, conquanto se saiba que esta é originada da ciência moderna, a qual mantém uma relação muito particular com a verdade. É que houve, diz Lacan, uma mutação da posição do saber quando a ciência se encarnou em Descartes, e o que mudou profundamente foi justamente a relação entre o saber e a verdade, graças à função exercida pela topologia (LACAN, 1965-66, p.91). Sua psicanálise e a de Freud irão se

fundamentar no interesse genuíno pela verdade, interesse abandonado por certas tradições modernas, seja sob a forma do niilismo, seja sob a forma de interesses agenciados por instituições e práticas diversas, às quais aquela genuinidade se submeteu.

Ao discurso da ciência moderna, discurso proposicional e tautológico, que, segundo ele, faz da verdade um jogo de valores e elude dessa última sua potência, Lacan opõe o discurso da psicanálise: “Pois bem, o discurso analítico se especifica, se distingue por formular a pergunta de para que serve essa forma de saber, que rejeita e exclui a dinâmica da verdade” (LACAN, 1992, p. 85). Se uma verdade só é incompleta, dizível apenas pela metade, seu projeto é o de articular uma lógica que comporte tal incompletude. Lógica que, tendo questionado as matemáticas, deu-lhes a topologia (LACAN, 2009, p. 76), a mesma de que o psicanalista se serve para representar os que se consultam em análise e que se perguntam pela verdade de seu sofrimento psíquico. Justamente a formalização topológica foi a direção que Lacan escolheu para dar ao seu pensamento. Tal exercício foi desenvolvido em profundidade, no Seminário 23, “O *sinthoma*”, de 1975-1976.

Naquele seminário, para explicar sua opção pela “boa lógica”, Lacan diz que esta seria o melhor caminho para se abordar a natureza que não sendo uma, é antes, uma miscelânea de “*fora-da-natureza*” (LACAN, 2007, p. 13-16). Já a natureza do próprio *sinthoma* seria reconhecível quando abordada de uma boa maneira – a maneira herética de se abordar a verdade, esta que pode ser apenas meio-dita.

Mais adiante, ele se pergunta: “que é a verdade?”. E responde: é seguir o rastro do real que consiste e que ex-siste apenas no nó borromeano (LACAN, 2007, p. 64). Ao considerar que uma das pistas para seguir aquele rastro pode ser a escrita, uma vez que com a escrita paramos de imaginar e participamos do real, melhor seria – diz Lacan – que o psicanalista tentasse fazê-lo pela via matemática, pois “a escrita das letrinhas matemáticas é o que suporta o real” (LACAN, 2007, p. 66).

Resumamos, então, nossa proposta. Da mesma forma com que Viena se apresentou como um sítio cujo evento terá sido a postulação do que Freud nomeou como inconsciente, o haver-se de um analisando com aquilo que inconscientemente o determina, também é da ordem de um evento, um evento clínico singular, pois faz surgir algo inédito e que muda as bases de um mundo, o mundo do analisando.

Pensada como ciência, a psicanálise se faz um procedimento genérico, na medida em que cada par analista-analisando procede a uma investigação que, da parte do analista, visa revelar algo sobre a verdade do *sinthoma* do analisando. O *sinthoma*, aquilo que há de mais singular em cada indivíduo (LACAN, 2007, p. 163), é, também, o modo próprio e inimitável do analisando tensionar em seu corpo, em seu aparelho psíquico, a verdade sobre seu gozo e seu desejo. Ele indica, com Lacan, algo “que se fixa em torno da falta primeira e particular e da necessidade de que esta não cesse, para que continuem sendo possíveis o gozo e o desejo” (DIAS, 2006, p. 99). O termo é, assim, uma referência ao modo como cada um enoda inconscientemente em sua vida, esses dois elementos.

Em cada análise, cada processo psicanalítico, haveria um evento clínico singular: o instante e a instância daquilo que se apresenta ao par analista-analisando como a verdade do *sinthoma* do segundo. Evento construído laboriosamente a partir de recordações, elaborações e giros de discurso. Singular seria, então, a passagem para a condição de existente, disso que teria sido excluído da existência para o *estado* de consciência. Não estava na consciência, mas num vazio inconsciente que deixava aparecer apenas os nomes vários do sofrimento psíquico (angústia, melancolia, fobias, delírios, anorexia, conforme cada caso).

A partir de Freud, e com Lacan, podemos propor que, nesse haver-se do analisando com seu sinthoma, concorre um elemento como real. Avançar na discussão sobre tal elemento e sobre as condições que, na clínica, propiciariam a ocorrência daquele evento, poderá ser o tema de futuras investigações.

Sobre o artigo

Recebido: 21/01/2018

Aceito: 12/02/2018

Referências bibliográficas

- BADIOU, A. **Sobre o conceito de modelo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1972.
- BADIOU, A. **Manifesto pela filosofia**. Rio de Janeiro: d'aoutra, 1991.
- BADIOU, A. **O Ser e o evento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor / Ed. UFRJ, 1996.
- BADIOU, A. **Breve tratado de ontologia transitória**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- BADIOU, A. **Lógicas de los mundos**. El ser y el acontecimiento 2. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- BADIOU, A. L'immanence des vérités (3) **Séminaire d'Alain Badiou**. 2014-2015. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/14-15.htm>. Acesso em 11 fev. 2018.
- DIAS, Maria das Graças L. V. Le sinthome. **Revista Ágora**, v. IX(1), p. 91-101, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v9n1/a07v9n1.pdf>. Acesso em 14 jun. 2018.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. IV, p. 15-322.
- FREUD, S. O estado neurótico comum (1917). In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2014, v. 13, p. 406-422.
- FREUD, S. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. X, p. 112.
- FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXI, p. 11-71.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXIII, p. 239-287.
- FREUD, S. Compêndio de psicanálise (1940[1938]). In: **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, v. 3, p. 9-195.
- GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- LACAN, J. **Le Séminaire: l'objet...** (1965-66). Disponível em <http://staferla.free.fr/S13/S13%20L'OBJET.pdf>. Acesso em 11 jun. 2018.
- LACAN, J. **O Seminário**, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. **O Seminário**, livro 18: De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN, J. **O Seminário**, livro 23: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MUELLER, Fernand-Lucien. **História da Psicologia**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1968.

ROCHA, Zeferino. Freud e a filosofia alemã na segunda metade do século XIX. **Síntese**: revista de filosofia. v. 31, n. 99, p. 45-64, 2004. Disponível em <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/361/678>. Acesso em: 19 fev. 2018.

VIERECK, George S. Entrevista de Freud a George Viereck. In: ALTMAN, Fábio (Org.) **A Arte da Entrevista: Uma Antologia de 1823 aos Nossos Dias**. São Paulo: Scritta, 1995. Disponível em <http://www.revistabula.com/5071-a-ultima-longa-entrevista-de-sigmund-freud/>. Acesso em 15 jun. 2018.

WINOGRAD, Monah; KLAUTAU, Perla. Viena, Áustria: notas sobre o contexto de emergência da psicanálise. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 197-213, dez. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382014000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 mar. 2018.